



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

Redação. Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

O calôr na guerra



— O termometro dá-nos 36, mas os «boches» também apanha-ram um calôr. . . 36.000 «á sombra».



PALESTRA AMENA

Jogralicês

Quando o sr. dr. Sidonio Paes saiu do parque Eduardo VII para se meter na vida normal da nação e conduzi-la, houve um momento de pasmo. Sua ex.^a não vinha carrancudo, nem trazia as unhas encrespadas; pelo contrario, adoçava-lhe os lábios um sorriso amigo e enluvara as suas mãos. E não se sarcoteava para um e outro lado; fazia a continencia. Resplandeciam nele a bondade, a distinção e a disciplina.

Por instantes a selva portugueza abrandou o seu aspeto: deixaram de se ouvir uivos de fêras e o matagal cobriu-se de flôres. Tocara-os a espada e o coração. Parecia que todas as almas se tinham confessa lo tacita e mutuamente, purificando-se de paixões ruins. Mas, pouco a pouco, foi-se perdendo esse extase e o fervedouro renasceu aqui e além, por ter sido impossível exgota-lo momentaneamente. Veiu então o chamado *gesto* do Porto, cheio de beleza e da teatralidade indispensavel a todos os cultos. Foi apenas um relampago de novas trovoadas. Porquê? Por a nobresa do efeito não ter sido acompanhada da extirpação da causa. A indisciplina continuou a latejar em milhares de cerebros. Perdoara-se quem sofrera, não se castigara quem fizera sofrer. A segunda metade deu cabo da primeira.

D'aí por deante em toda a parte, onde aparece o chefe do Estado, a atmosfera continua a adelgaçar-se, o perfume a enchê-la, o idealismo a cantar. Parece que se abrem clareiras de sol nas trevas espessa que nos rodeiam. São, porém, como que aparições e palavras fugazes, illusorias. Se ali saem da sua boca frases de conciliação proferidas pelos lábios e trasmitidas pelo coração e se praticam atos de humanidade, cá fóra as imprecações sucedem-se e os dentes rangem por entre uma saliva envenenada. «Dou-lhe um tiro! Mato-o!» são as expressões, que se ouvem, lançadas pelo odio e substituindo o antigo e brando desabafo de «Aquele maroto!...» E dão-se a arrancada das Devezas e as agressões do Aljube, no Porto. De novo as fêras uivam e o matagal torna-se brenhoso e sêco. E' o pequeno grão de areia da indisciplina e maldade a revolver-se em vidas inumeraveis, onde a educação não entrou e d'onde o sentimento da bondade fugiu.

Que se conclue d'este confronto? A necessidade de preparar o terreno para receber a semente boa, a indispensabilidade de uma larga propaganda da religião do dever, a evangelisação da bondade e o exercicio constante de uma disciplina não autocratica, mas natural e nobre. Quantas vezes nos engrandecemos pela obediencia, expurgando-a da acção de deprimencia, que lhe inocularam erradamente e nos dá a pretenciosa jactancia do «Quem manda em mim sou eu!» e leva o popular a vol-

tar-se contra o policia e o policia a sair fóra das suas funcções e a deturpar-las...

Mas agora reparamos em que estamos a prégear um sermão, em vez de gargalharmos, ou de satirisarmos, conforme a indole d'esta pagina! E' que escrevemos estas linhas no dia de S. Bartolomeu, com o diabo á solta. Foi ele, o mafarrico, que entrando-nos pela janela numa tradicional rajada de vento, nos entortou os bicos da pena e nos deu uma volta á moleira.

No fim de contas, talvez muita gente tenha desatado a rir ao ler as linhas que ahi ficam e que, já agora, não substituímos, fiados n'esse efeito. E' que ha pessoas que, quando falam a sério, dão sempre vontade de rir, e já D. Afonso III se servia dos seus jograes para transmitir aos nobres o que lhes queria dizer...

O outro.

Tambours en tête!...

A policia civil marcialisa-se. e Depois de a terem armado com carabinas e para que o seu aspecto se torne ainda mais guerreiro, vai ter agora tamboures.

Ora se ela, a sêco, já rufava na perfeição, quando lhe dava a môsca, agora ao som do ran-tan-plan, não lhes



dizemos nada senão por musica... no lombo do proximo. Em se levantando zaragata, vai tudo n'um rufo!

E justifica-se que lhe dêem tamboures. Que outro instrumento se lhe havia de fornecer, que não fosse de pancadaria?

Um maná!

Um poeta publica, entre outras, esta quintilha no *Diario Nacional*, a comemorar o dia do Senhor da Serra:

Senhor da Serra, Senhor da Serra
lá vai o povo pr'ás romarias...
Senhor da Serra, Senhor da Serra,
lançai a benção á nossa Terra,
lançai farturas e alegrias...

Esta de pedir ao Pai do Ceu *farturas* com a competente pingóla—que nas *alegrias* está a ver-se o eufemismo—ainda não tinha lembrado a nenhum devoto. Queria-as de borla o maganão do vate!

Restrinjamo-nos!

Vae-se entrar no periodo das restrições. *Secun se cuenta*, a cada cidadão, entre outros maximos, que não pode ser mais minimos, um quilo de feijão e oito decilitros de azeite por mez, isto é,—tres feijões e uma gôta de azeite por dia para lhe alumiar no



estomago a Nossa Senhora da Fome.

Assim, o mesmo cidadão, se não fôr monteirromilhonense para poder comprar carne, que n'essas alturas já deve estar a mil e duzentos escudos o quilo, vêr-se-ha obrigado, por sua vez, a restringir o uso da pele. Em vez de a assentar sobre as minguadas feveras, passará a assentá-la logo sobre o o osso, dispensando intermediarios.

E estabelecer-se-ha definitivamente a egualdade:—ficaremos todos professores de instrução primaria.

Sempre o Marques!

O nosso Marques decidiu ir para uma praia passar o resto da estação calmosa. A mulher e as filhas não o largavam:—«O' menino, é uma vergonha ficarmos em Lisboa.»—O' papá Lisboa está irrespiravel!—e o Marques, que é a bondade em pessoa, ainda fingiu resistir ás primeiras investidas, mas depressa cedeu, e metendo-se no comboio começou a percorrer a linha de Cascaes.

Fômos encontra-lo na estação de Cae-agua, onde, por sinal, o que caía era um sol de rachar pedras.

—Olá, por aqui! exclamámos n'uma expansão de alegria.

—E' o que vê. A familia precisa d'ares do mar e não ha remedio senão acudir-lhe... Minha mulher não come nada, as pequenas andam com má côr...

—E então já arranjou?

—Qual?! Tenho-me apeaado em todas as estações e nada que me sirva. Por um andar com tres ou quatro compartimentos pedem cem e duzentos escudos! Uma pouca vergonha!

—Talvez do lado de lá, na Outra Banda...

—Já lá fui, respondeu-nos o Marques desalentado e pondo o pé no estribo, porque o comboio ia partir. Mas das que vi nenhuma tinha retrete, e cá para mim uma retrete n'uma casa é como pão para a boca!

E com esta se foi e mais o comboio.



Haja prudencia!

Dizem os jornaes que o arquivo do ministerio do Interior está sendo mudado para a Biblioteca Nacional, adaptando-se a sua antiga instalação ao alargamento da esquadra de policia da rua dos Capelistas.

Mau! mau! Se a policia começa a entrar pelos ministerios e a meter-se-lhes pelos arquivos, não chegam os navios ex-alemães para transportarem gente para a costa d'Africa!

Pense-se primeiro no que se faz. Nada de precipitações! Onde não se espera, sempre se encontra um amigo e depois é uma encavação.

Sentinela álerata

Dialogo comovedor, no largo Trindade Coelho, entre um galego de pau e corda e uma vendedeira de pevides:

O galego—Raios partam a politiga! Fazem-nos por fim justicia, dão-nos um ministerio e nun dura nem seis mezes!

A vendedeira — O ministerio mais nacional que podia haver! Está a acabar o arroz, o feijão, o grão, a batata, tudo! Só a pevide é que ainda não faltou, nem faltará, nem...

O galego (interrompendo) E transportes, que é d'elles? Firme, xeguro, sem prexisar de carbon nem lenha, só



este:—pau e corda! E ainda dixem que son patriotas!...

A vendedeira — Você faça lá o que quizer com o seu pau e a corda, que comigo outro galo lhes cantará. Quando tudo faltar, hão de querer agarrar-se á pevide, mas então eu lhes direi por que preço lhes ha de sair!

Os dois (em extase olhando para o palacio do conde de Tomar)—Que falta de patriotismo!

O galego (em segredo á vendedeira) —E nun querem que se conspire? Cá por mim...

A vendedeira (idem ao galego) E por mim... (ainda mais baixo) Dê-lhes você o pau, que lá pevide não lhes ha de faltar!

Artistas a peso

Um telegrama de Berne noticia, como prova das condições precarias da alimentação, que a celebre artista Chaliapine foi contratada para a opera de Cracovia por uma certa porção de farinha por cada espetáculo.

Com o inverno pavoroso que se anuncia e se a moda pega entre nós, estamos a ver que ainda nos levam a pagar meio litro de feijão para admirarmos a Palmira Bastos, a largar 250 gramas de assucar para palmearmos o Brazão, dois decilitros de azeite para rirmos com o José Ricardo ou aplaudirmos o Ferreira da Silva e que não



teremos outro remedio senão ir com a algibeira bem provida de batatas para assistirmos a algumas primeiras representações.

O bom e o bonito ha de ser depois ouvir as atrizes umas com outras, todas cheias de vaidade:

—Eu cá estou a meia saca de *cra-vão*!

—Pois eu, meninas, péso duas arrobas de *grões*!

—Cá a mim ninguem me leva por menos de uma lata de *pitroline*!

O demonio é que se o entusiasmo por elas sobe muito, lá ficam todas sujeitas a um arraçamento!

Barbeiro escanhoado

Em Setubal, a rapaziada travessa fez, ha dias, a barba a um barbeiro lá da terra, impingindo-lhe um torneiro imberbe vestido de mulher a fingir de noiva do Figaro.

Ela esperou-o alta noite, numa caruagem de lanternas apagadas, junto da porta do Passeio Publico; ele, tremulo e ansioso, saltou para dentro da tipoia, beijou sofredamente a *pequena* e mais longe teria ido, se não fôsse a rapaziada cair-lhe em cima a troça-lo.

Foi então que o D. Juan reconheceu que lhe haviam mudado as guardas á fechadura. Olhem se ele se tem já lembrado de querer dar uma volta á chave... do paraíso, não se tinha encontrado a ronda com a justiça?! E justiça de torneiro feita ali mesmo ao torno...

Caso é que a sentinela ainda chegou a gritar *A's armas!*

A educação da imprensa

Decididamente não se pode ser mais atencioso para com a imprensa do que os nossos governos o tem sido em educa-la.

Descobriu-se, ha pouco, que a censura dos jornaes de Lisboa, depois de ter estado a cargo d'um picador, pertence agora a um veterinario. Primeiro, mestre de dança; em, seguida, medico assistente.

E ainda se queixam da linguagem de certas gazetas! Com taes mentores o que nos admira é não andarem todas elas aos coices umas ás outras e de ainda escreverem não raras vezes:—«o illustre secretario de Estado...» Provavelmente, sae o *ilustre* em logar de... (cala-te bôca!), com medo de que, a succeder ao picador e ao veterinario, venha por ahi um *Ganga!*

E aqui está porque, ela, de longe em longe relincha, perdão!, protesta é o que queremos dizer, mas ainda não se decidiu a atirar, salvo seja, com a albarda ao ar. Quando vae a ter um assômo do movimento, canta-lhe logo no ouvido:

Por isso digo,
O' meu amigo,
Este *assistêma* é *inficaz*,
E' preparar
P'ra lh'a pregar,
A mão no ar,
O pé atraz,
Pás!

Vae ela, reentra logo no chouto e ós *pois desarrinca* pela calçada da Pampulha, que é mesmo um gosto vê-la!

Uma lembrança

Anunciam e para breve vintens de cartão, em virtude da carestia do metal para os fabricar.

Ora não seria preferível, em vez de se recorrer ao cartão, utilisarem-se os botões, por exemplo? E teria a vantagem de as mulheres poderem verificar logo á primeira vista a prodigalidade dos maridos. Quando entrassem em casa com as calças na mão, já elas sabiam que elles vinham á dependura.

Espirito alheio

N'um consultorio:

—Então de que se queixa?

—Ora, doutor, queixo-med'uma mal-dita bronquite:

—Crónica?

—Crónica e dos diabos.

Um assistente, áparte:

—Tem o mesmo padecimento da mulher: uma *crónica dos diabos!*

—Minha mulher trata-me esplendidamente. Has de acreditar que até me tira as botas?

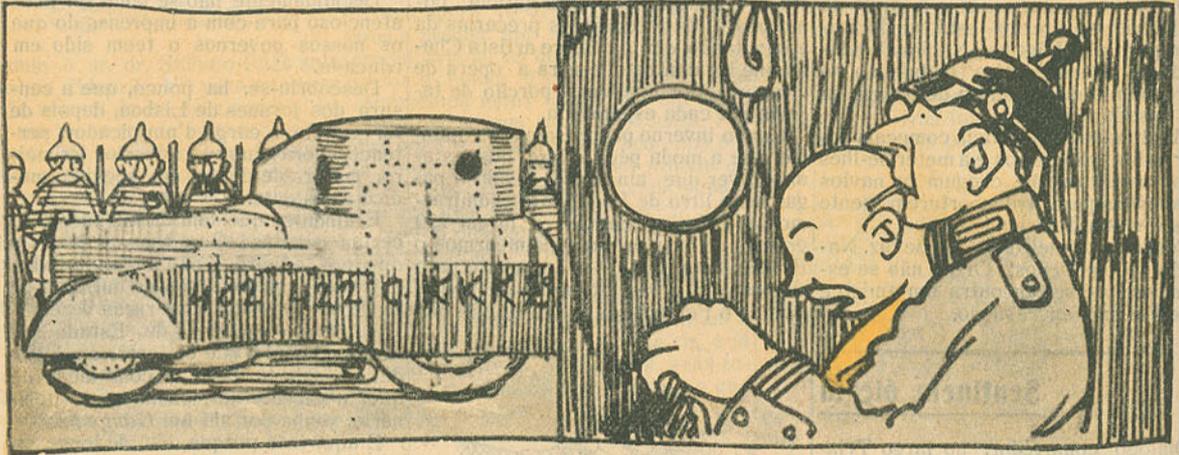
—O quê! Quando vens de fóira?

—Não, quando quero sair.

AS NOVAS PROEZAS DO MANECAS

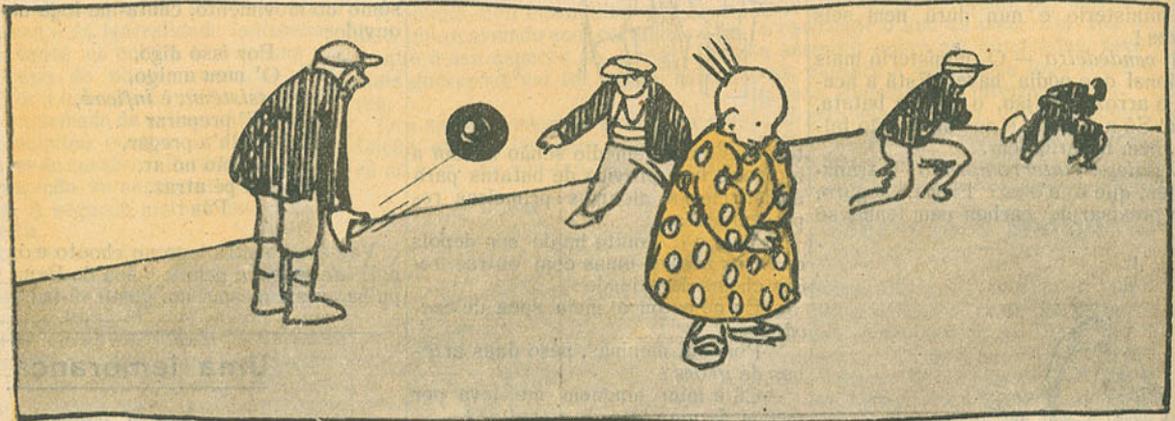
29.^a Parte — 6.^o Episodio

(Continuação)



1.—Como os alemães sabem de quanta finura o Manecas é dotado, com receio de que ele se ponha ao fresco, enviam-no em automovel-tank para um campo de prisioneiros

2.—e para que não lhe seja possível subornar os guardas fazem-no acompanhar por um oficial superior que toma lugar a seu lado e lhe vigia o menor movimento.



3.—Uma vez no campo de prisioneiros, Manecas, que sabe ser alvo da vigilancia especial, não se distrae como os seus colegas de infortunio e anda seriamente apreensivo por não descobrir a forma de se ver livre d'aquela rascada.



4.—Os alemães visitam ameadadamente os prisioneiros e por ocasião d'uma d'essas visitas, a filha do governador depara com o nosso heroe e fica deveras apaixonada por ele.

In. Won Manecas
 Eu, gostar muito de
 o Sr. e se o Sr. gostar
 de mi, eu livrar
 o Sr. Manecas da
 sua prisão
 Germano Boche

5.—O facto não passa despercebido ao Manecas que fica radiante ao receber a carta acima transcrita, pois no seu espirito subtil forma-se logo o projeto de tirar partido d'esta inesperada situação.

(Continúa).